

HISTÓRIA E PERSPECTIVA DO FORRÓ NO NORTE DO ESPÍRITO SANTO

HISTORY AND PERSPECTIVE OF FORRÓ IN NORTHERN ESPÍRITO SANTO

Vinicius da Silva Freitas
Camila Alves Honorio
Gleisson Leonardo Pereira
Manoela Ester Maia de Azevedo
Victória Werneck Franklin Mota
José Roberto Gonçalves de Abreu

Resumo: O forró pé de serra foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro em 2021 e tem sua origem localizada no Nordeste. Apesar de uma origem bem delineada, seu desenvolvimento teve grande participação também da Região Sudeste, nos séculos XX e XXI, transformando o tradicional jeito de dançar dois pra lá, dois pra cá em uma grande variedade de movimentações. O objetivo deste estudo foi compreender as características regionais do forró no norte do Espírito Santo, relacionando com a história e características da Região Sudeste, a fim de abordar o tema forró nas escolas locais, municipais e estaduais, no intuito de preservar essa cultura forte do norte capixaba. A metodologia desta pesquisa é qualitativa e foi utilizada como instrumento a Revisão de Literatura Narrativa. Foram encontradas poucas pesquisas sobre o forró no Espírito Santo, demonstrando uma necessidade de mais pesquisas na área por meio da oralidade dos brincantes e mestres do forró pé de serra na região. Foi possível identificar, ainda, que o forró na condição de dança tem evoluído bastante e um dos estilos mais dançados no Sudeste, o forró *roots*, teve origem em Itaúnas, mediante a forma única de dançar dos nativos da região, a qual foi levada para outros estados do Sudeste, sendo adaptada ao ensino nas escolas de dança de salão ou específicas de forró.

Palavras-chave: Forró pé de serra. Forró *roots*. Estilo Itaúnas.

Abstract: The Forró Pé de Serra was recognized as Brazilian Intangible Cultural Heritage in 2021 and has its origin located in the Northeast. Despite a well-defined origin, its development also had significant participation from the Southeast region in the 20th and 21st centuries, transforming the traditional way of dancing “two steps for the left, two steps for the right” into a wide variety of movements. The aim of this study was to understand the regional characteristics of Forró in the northern Espírito Santo, relating it to the history and characteristics of the Southeast region, in order to address the Forró theme in local, municipal, and state schools, to preserve this strong culture of northern Espírito Santo. The methodology of this research is qualitative and Narrative Literature Review was used as an instrument. Few studies on Forró in Espírito Santo were found, demonstrating a need for more research in the area through the orality of the participants and masters of Forró Pé de Serra in the region. It was also possible to identify that Forró as a dance has evolved significantly, and that one of the most danced styles in the Southeast, Forró Roots, originated in Itaúnas, based on the unique way of dancing of the region's natives. This form was then taken to other Southeastern states, being adapted for teaching in Ballroom Dance schools or specific Forró schools.

Keywords: Forró pé de serra. Forró roots. Itaúnas Style.

1 INTRODUÇÃO

O forró é entendido hoje como um supergênero musical, além de ser “um conjunto de diferentes formas de dança [...], um nome de um tipo de festa” (DIAS e DUPAN, 2017, p. 2) e uma cadeia produtiva artística e cultural que envolve também a literatura e o artesanato. Originário do Nordeste, assume aspectos distintos, ao ser desenvolvido no Sudeste, após as migrações nordestinas características do século XX. No Espírito Santo, estabeleceu-se ao longo dos anos, chegando ao século XXI com a região do Sapê do Norte, sendo destaque nesse processo de desenvolvimento do forró pé de serra na Região Sudeste. Essa visibilidade da região se deve às características singulares na forma de dançar dos nativos de Itaúnas e à realização de um dos maiores festivais do gênero produzido nessa mesma vila, desde 2001: o Festival Nacional Forró de Itaúnas, conhecido e referenciado mundialmente.

Ao observarmos esse cenário atual do forró pé de serra, no que concerne tanto à música quanto à dança, podemos associar sua pluralidade de estilos com todo seu processo evolutivo, durante o qual tivemos uma composição de dança e movimento popular fortemente atribuídos a sua construção. Tal cenário vem desde a difusão do forró na Região Sudeste, com o conseqüente surgimento do estilo forró universitário e forró *roots*, sendo este último relacionado às caracterizações de uma pequena vila, a vila de Itaúnas, localizada na região do Sapê do Norte no Espírito Santo, retratando parte dessa construção e evolução da manifestação no Sudeste (ALFONSI, 2007).

Toda característica da vila demonstra diversos fatores à evolução do forró que contribuíram para a unificação de diversos estilos de Dança, dando origem, assim, ao modo próprio dos nativos, inicialmente conhecido como estilo Itaúnas e hoje, popularizado e ressignificado por profissionais de fora da vila como forró *roots*. Tal fato vem desde a maneira que o conjunto de estados desenvolveu sob esse tipo de dança, unificando diversos outros estilos ou passos e contribuindo para sua criação (ALFONSI, 2007).

No tocante à região do Sapê do Norte, o ensino do forró está previsto no Currículo da Rede Municipal de São Mateus na disciplina Educação Física, enquanto, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018, p. 474) para o ensino médio, recomenda-

se “promover o cruzamento de culturas e saberes, possibilitando aos estudantes o acesso e interação com as distintas manifestações culturais populares presentes na sua comunidade”. No que concerne ao forró, apesar de sua garantia na base curricular, o que há de material didático e/ou acadêmico, para estudo e pesquisa, sobre essa manifestação se relaciona às características mais nordestinas do que regionais. No entanto, o forró em São Mateus e Conceição da Barra possui nuances culturais históricas e contemporâneas singulares que evidenciam uma identidade local.

Desse modo, propomos o seguinte problema nesta pesquisa: Quais são as nuances do forró pé de serra no Sapê do Norte do Espírito Santo? Essas nuances distinguem-se de fato de outras regiões? O objetivo geral deste artigo, portanto, é compreender as características regionais do forró no norte do Espírito Santo, relacionando-o com a história e características da Região Sudeste, a fim de abordar o tema forró nas escolas locais, municipais e estaduais, de forma que consigamos preservar essa cultura forte do norte capixaba. Como objetivos específicos, buscamos o levantamento de bibliografias sobre a história do forró com foco no Sudeste, em especial no norte do Espírito Santo, a construção de fichamentos e resumo sobre os textos estudados, discussões em grupo e a construção final do texto.

O projeto contribui, assim, para a difusão do forró pé de serra no Sapê do Norte do Espírito Santo, ao envolver, no cerne da pesquisa, estudantes do ensino médio, professores da rede municipal e federal de ensino, professores, acadêmicos e egressos de centro universitário. É importante citarmos a relevância dele para os egressos e estudantes, sejam do ensino médio, sejam da graduação, por se tratar de uma pesquisa rica em cultura e comportamentos da região estudada. O tema vai desenvolver na região uma importante temática para a população como um todo, pois preservar a cultura do forró se faz necessário não só para quem já conhece e usufrui a cultura, como também para aqueles que vão preservá-la e seguir a desenvolvê-la no futuro, mantendo-a viva e confiando-a a gerações futuras, como um ciclo, próprio das manifestações populares.

2 MÉTODO

A metodologia desta pesquisa é qualitativa e foi utilizada como instrumento a Revisão de Literatura Narrativa, tendo por base pesquisas sobre o forró pé de serra no Sudeste, com enfoque para a região do Sapê do norte do Espírito Santo. Foram encontradas pesquisas em diferentes áreas do conhecimento, como Ciências Sociais, Arquitetura e Artes, além de um livro sobre a história do forró, relançado no Fórum Nacional de Forró de Raiz em 2021, quando o forró foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Este último aborda a história do forró em nível nacional, dando uma base comparativa às características reconhecidas como singulares na região do Sapê do Norte.

Os artigos foram pesquisados inicialmente na base de dados SciELO Brasil com um recorte temporal de cinco anos. Utilizamos os descritores Forró, Forró AND Espírito Santo, Forró AND São Mateus e Forró AND Itaúnas. Os descritores foram selecionados de acordo com o objeto de estudo, que são as características singulares do forró pé de serra na região do Sapê do Norte do Espírito Santo. Com o primeiro descritor Forró, encontramos 34 artigos ao todo. Com os demais descritores, nenhum trabalho foi encontrado na SciELO Brasil.

Devido ao baixo resultado encontrado na SciELO Brasil, utilizamos os mesmos descritores no Google Acadêmico. Nesta base de dados, encontramos cem trabalhos para cada descritor, analisando até a página 10 dos resultados de cada um deles.

Como critério de inclusão, buscamos trabalhos que tinham por objeto de estudo o forró pé de serra desenvolvido na região do Sapê do Norte do Espírito Santo, ou seja, as cidades de São Mateus e Conceição da Barra, com atenção à vila de Itaúnas, distrito deste último município.

Foram excluídos trabalhos que não tinham por objeto de estudo o forró pé de serra ou que tratavam do forró pé de serra na Região Nordeste do Brasil. Os textos foram selecionados com base nos seguintes aspectos: histórico do forró pé de serra como manifestação cultural, de forma abrangente; características do forró dança em níveis nacional e regional, apontando a região do Sapê do Norte; e aspectos locais históricos e

atuais dessa região, envolvendo principalmente a cidade de São Mateus e a vila de Itaúnas, localizada em Conceição da Barra.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, excluímos todos os textos encontrados com o descritor Forró na SciELO Brasil e Google Acadêmico. No Google Acadêmico com o descritor Forró AND Espírito Santo, permaneceram apenas dois trabalhos, Forró AND São Mateus (não utilizamos nenhum texto) e Forró AND Itaúnas (utilizamos cinco). Observamos, então, a necessidade de ampliar o marco temporal para 20 anos, devido ao número muito baixo de trabalhos encontrados com o recorte para o forró pé de serra no Sapê do norte do Espírito Santo.

Os dados das buscas, quantidade total de trabalhos encontrados, excluídos e incluídos na pesquisa, podem ser verificados no Quadro 1.

Quadro 1. Quadro quantitativo de buscas

SciELO Brasil					
Descritores	Forró	Forró AND Espírito Santo	Forró AND São Mateus	Forró AND Itaúnas	
Encontrados	34	0	0	0	
Excluídos	34	-----	-----	-----	
Incluídos	0	-----	-----	-----	
Google Acadêmico					
Descritores	Forró	Forró AND Espírito Santo	Forró AND São Mateus	Forró AND Itaúnas	
Encontrados	100	100	100	100	
Excluídos	100	98	100	95	
Incluídos	0	2	0	5	
Total encontrados	34	100	100	100	334
Total excluídos	34	98	100	95	327
Total incluídos	0	2	0	5	7

Fonte: Autoria própria, São Mateus, 2024.

Além dos textos selecionados pelas bases de dados descritas, utilizamos textos encontrados mediante o contato direto com pesquisadores locais que investigam a região do Sapê do Norte do Espírito Santo. Esses textos foram complementares para descrever melhor o contexto territorial geográfico e social, histórico e contemporâneo da região estudada.

Após a seleção dos textos, relacionamos ainda trechos específicos que dialogassem mais com os itens descritos nos critérios de inclusão, quando se tratava de teses e dissertações. Os artigos foram lidos em sua totalidade. Paralelamente à leitura, foram realizados fichamentos dos textos, debates entre o grupo de pesquisadores e construção do texto final.

3 SAPÊ DO NORTE NO ESPÍRITO SANTO: HISTÓRIA, TURISMO E COSTUMES

A construção da cultura popular é resultado das tradições e costumes transmitidos de geração em geração e se apresenta por meio de manifestações culturais originadas da interação do homem e sua adaptação ao meio em que vive. E a essas várias histórias que são passadas damos o nome de memória, que pode salvar a própria história humana do esquecimento e trazer à tona toda uma discussão sobre o passado. As memórias podem ser entendidas como patrimônio material e imaterial de uma sociedade. Nora (1993) considera os lugares de memórias mais do que simples registros da história. Da mesma forma, Gastar (2002, p. 27) afirma:

Conforme a cidade acumula memória, em camadas que, ao somarem se vão constituindo um perfil único, surge o lugar de memória [...] Onde a comunidade vê partes significativas do seu passado com imensurável valor afetivo.

Diante disso, podemos identificar a existência de uma relação entre a cultura popular, os lugares de memória e a memória propriamente dita, visto que todos os conceitos estão diretamente interligados às experiências vividas, transmitidas pela comunidade para as gerações futuras. Dessa maneira, como preâmbulo às considerações sobre o forró pé de serra na região norte do Espírito Santo, abordaremos a história e características do Sapê do Norte, vila de Itaúnas e São Mateus.

O Sapê do Norte é uma região localizada ao norte do Espírito Santo, a qual abrange as cidades de São Mateus e Conceição da Barra, onde se concentra uma grande

quantidade de pessoas negras descendentes de africanos escravizados trazidos ao Brasil, conforme aponta Ferreira (2009, p. 9):

Estas comunidades foram originadas durante o escravismo colonial, que trouxe milhares de negros e negras da África para trabalhar nas fazendas escravistas produtoras de farinha de mandioca, comercializada com outras províncias durante o século XIX. Já naquele momento, o africano escravizado construía suas formas de resistência à escravidão, por meio do assassinato de feitores e senhores, suicídio, rebeliões, fugas e formação de *quilombos*. Com o fim da escravidão e a decadência econômica das fazendas produtoras de farinha de mandioca do norte do Espírito Santo, muitas destas terras passaram a ser abandonadas pelos senhores e apropriadas pelos antigos escravos. Nestas terras, os negros reconstruíram sua existência material, simbólica e afetiva, conformando entre si redes de relações de troca, de parentesco, de festa e devoção, que fundamentavam o sentimento de identidade e pertença em relação ao espaço apropriado: formas de *territorialidade*. Entre o final da escravidão (1888) e meados do século XX, esta região ficou relativamente esquecida pelos projetos desenvolvimentistas do capital, o que possibilitou que a territorialidade negra aí se consolidasse. Com o extermínio dos indígenas Botocudos, o avanço ao norte do rio Doce possibilitou a implantação dos projetos de produção do carvão vegetal e da celulose, a partir de extensos monocultivos de eucaliptos que passaram a destruir a floresta tropical atlântica e toda a base de sustentação do modo de vida das comunidades negras rurais que aí há muito se encontravam. Frente à imposição da força, muitas famílias foram obrigadas a abandonar suas terras e migrar para as cidades; outras permaneceram, em meio aos plantios industriais carregados de agrotóxicos, com escassez de terra para os plantios, de água e alimento.

Ainda segundo a autora, o Sapê do Norte entendia-se pelos rios Itaúnas e Cricaré, sendo habitado por “agrupamentos negros e camponeses que assim se organizaram e se apropriaram desta natureza desde os tempos da escravidão colonial até meados do século XX” (FERREIRA, 2009, p. 2). A origem do termo vem de uma vegetação encontrada na região que serve de proteção de águas subterrâneas. É a vegetação que brota primeiro após as colheitas de roças de mandioca dentro da floresta tropical, ou quando a roça não germina, chamada sapê. De terreno plano e grande extensão, entremeado por mata, rios, moradias, roças, a região era um lugar ideal também para o pasto de animais e terra de grande fartura.

Sapê e floresta constituíam o *'sertão'*, lugar do *uso comum e farto* da terra e demais atributos da natureza: criação de animal, caça, pesca, extração do barro e madeira, coleta de frutos, cipós e palhas (FERREIRA, 2009, p. 2).

Referir-se ao Sapê do Norte, no entanto, é tratar de suas características não apenas territoriais geográficas, mas também identitárias. “[...] falar em ‘Sapê do Norte’ é remeter-se a este território negro, em suas origens e projeções” (FERREIRA, 2009, p. 3). Originária de um período de grande sofrimento imposto pela escravização africana, seguida pelo abandono das fazendas, interrompendo abruptamente a produção de farinha de mandioca e contribuindo para a decadência econômica no fim do século XIX, período em que chega à cidade de São Mateus também o último navio negreiro clandestino.

Diante da escassez de recursos e expropriação do território, marcada por uma carência material e uma projeção de futuro desacreditada, moradores da região passaram a reconstruir antigas tradições que haviam sido esquecidas, dando sentido ao que Ferreira (2009) vai mencionar como uma constante recriação do Sapê do Norte e sua

[...] visibilidade dos diversos sentidos do *'Sapê do Norte'*, revelando que assim como o sapê, que rebrota sempre – *'queima aqui e brota lá'* - os laços de *identidade e pertença* são recriados cotidianamente. [...] Temporalidade da tradição e recriação; movimento da permanência reelaborada. O rebrotar constante do *sapê*, onde a *territorialidade* negra teima em se reafirmar frente à expropriação provocada pelo capital (FERREIRA, 2009, p. 3; 5).

Entre as tradições recriadas, Ferreira (2009) cita a Mesa de Santa Bárbara, o Reis de Boi, o Baile de Congo de São Benedito ou Ticumbi, o Jongo, o Samba de São Benedito, a Quadrilha, o Alardo, entre outras que já não existem, como a Marujada e a Careta.

Essa expropriação que foi referida acima remonta, porém, a três momentos distintos da história do povo negro que habita a região do Sapê do Norte. O primeiro refere-se ao período escravocrata do século XIX, quando os negros escravizados que se negavam a permanecer na condição de escravizados se refugiavam em terras da região, apropriando-se delas pelo uso comum, em uma organização familiar.

O segundo ocorreu ainda nesse mesmo século, mas no fim da escravidão, em que houve o abandono das fazendas produtoras de farinha de mandioca, terras que também foram apropriadas pelos negros (FERREIRA, 2009).

O terceiro momento, por sua vez, localiza-se no século XX, quando o monocultivo de eucalipto substitui a biodiversidade da floresta, significando para as comunidades negras da região “a perda do alimento, a perda da água, a perda de medicamentos, a perda da *terra de uso comum* para o *uso do monopólio* ditado pelo capital” (FERREIRA, 2009, p. 6). Essa terceira expropriação forçou inúmeras famílias a migrarem do campo para a cidade e as famílias que resistem em permanecer em seus territórios enfrentam inúmeras dificuldades (FERREIRA, 2009).

O ‘*Sapê do Norte*’ expressa, portanto, um profundo *conflito agrário, ambiental, étnico-racial e cognitivo*. Dos ‘*tempos do cativo*’ aos tempos dos monocultivos industriais do ‘*agronegócio*’, o que se faz sempre presente são matrizes de racionalidade distintas, que orientam ações diferenciadas em relação à natureza e à vida. O que em outros tempos era regido pela lógica do *uso comum* e da fartura, hoje é dominado pela lógica da propriedade privada e escassez: de água, de alimento e de vizinhos. Entretanto, diversos sentidos do ‘*Sapê do Norte*’ vêm sendo reapropriados e recriados pelas comunidades negras locais, cuja resistência se fortalece por meio da organização *quilombola*. Assim, o ‘*Sapê do Norte*’ retoma o significado da história peculiar deste povo, reforçando sua *identidade* e sua luta pelo *território*: da mesma maneira que o sapê ‘*queima aqui e brota lá*’, a territorialidade negra do Sapê do Norte renasce em *conflito* com os padrões hegemônicos (FERREIRA, 2009, p. 7).

Apesar de possuir características gerais, a região do Sapê do Norte é constituída de duas cidades com histórias e atributos similares, mas também singulares, que precisam ser brevemente abordadas.

3.1 CONTEXTO DA VILA DE ITAÚNAS

A vila de Itaúnas fica situada no município de Conceição da Barra. Seu primeiro registro histórico foi realizado em 1816/17 pelo príncipe Maximilian Wied-Neuwied “em

passagem pela região, onde avistou uma choupana de índios em uma fazenda” (SOARES, NACIF E RICCO, 2013, p. 52).

Ainda segundo as autoras, o nome Itaúnas é de origem tupi e significa “pedra negra”, por conta de uma pedra que fica localizada no rio que recebe o mesmo nome: Itaúnas. A vila ganha destaque em meados do século XIX por causa da sua grande capacidade produtora e de exportação de três mercadorias principais: farinha de mandioca, café e madeira. Nesse período, a densidade demográfica da vila contava com 691 moradores livres e 91 escravos (SOARES, NACIF E RICCO, 2013).

Itaúnas é um vilarejo de pescadores e seu maior marco geográfico são as dunas, consequência de um soterramento da antiga vila que ali existia quase à beira-mar, aproximadamente na década de 1950, e situava-se, à ocasião, ao lado esquerdo da margem do rio Itaúnas. Esse soterramento fez com que os moradores fossem para o outro lado do rio, evoluindo dali para a vila que se encontra hoje, chamada de Itaúnas Nova. O acesso ao vilarejo era feito apenas pelo rio até 1940, ano em que foi construída a estrada que hoje facilita a chegada à nova Itaúnas. Ainda segundo as autoras, o entrevistado Ângelo Camilo relatou que morou na vila antiga até 1961, ainda menino à época, e disse que a vida do outro lado do rio era muito rica e cultural, onde todos tinham roça, porcos, galinhas, gados (SOARES, NACIF E RICCO, 2013).

Soares Nacif e Ricco (2013) apontam que, nos primeiros anos da década de 1960, a nova vila de Itaúnas já começava a se estruturar do outro lado do rio, a partir de um loteamento doado à comunidade pelo prefeito Antônio Barros. Em 1984, a área do soterramento foi tombada como patrimônio histórico e natural do Espírito Santo, e, após sete anos, em 1991, o governo estadual criou o Parque Estadual de Itaúnas (PEI), como forma de preservar o meio ambiente.

As autoras mencionam, ainda, que a história da vila é marcada por superstições e simbolismo, tendo forte influência religiosa em seus costumes e havendo, ademais, espaço para as festividades da comunidade, entre as quais o forró. Desde antes do soterramento até a atualidade, o forró é um dos atrativos para a localidade, não só no período do verão, como também no meio do ano, quando Itaúnas é a locação de um festival reconhecido internacionalmente, o Festival Nacional Forró de Itaúnas (FENFIT). É importante destacarmos que, além da beleza natural e do forró pé de serra, a nova vila

também conta com as manifestações culturais do vilarejo antigo – Ticumbi¹, Reis de Boi², Alardo³ e Jongo⁴ – que não se perderam em meio à areia, conferindo-lhe um ponto de equilíbrio entre a natureza e o que o homem proporciona a esse espaço como comunidade, mantendo o respeito aos velhos costumes da vila, mesmo com as inúmeras mudanças ocorridas ao longo dos anos.

A partir da década de 1970, devido à formação das dunas, o número de turistas cresceu rapidamente. Sendo assim, o valor histórico, paisagístico e arqueológico de Itaúnas passou a ser reconhecido, principalmente após o tombamento da vila pelo Conselho Estadual de Cultura do Espírito Santo, por meio da Resolução n.º 08, de 10 de setembro de 1986. Em 1990, com a disseminação de informações sobre as belezas naturais da vila e como “capital do forró”, fez com que o número de turistas se elevasse. O forró se tornou uma atividade do cotidiano da vila (XAVIER; BASSETTI, 2014), uma prática de lazer de que o turismo se apropriou, transformando o lugar em referência nacional e destaque da Região Sudeste brasileira.

O turismo, de maneira direta, influencia no ritmo de vida da vila e na economia. Porém, vale ressaltarmos que, quando não está em alta temporada, a movimentação econômica ocorre por meio da pesca, coleta de mariscos, artesanato, comércio, colheita e construção civil. “Os recursos financeiros obtidos na alta temporada são, para muitos, responsáveis pelo sustento o restante do ano” (HACON, 2011, p. 85).

Dessa forma, podemos concluir que atualmente a comunidade é composta pelos pescadores, agricultores, donos de estabelecimentos de estadia e comerciantes. O modo de vida está ligado à pesca, à produção de farinha e ao turismo natural, religioso

¹ [...] também conhecido por Baile de Congo, típico do município de Conceição da Barra [...] Com realização anual, a dramatização do auto, em forma de dança guerreira de raízes africanas, é simples: dois reis negros, o rei de Congo e o rei de Banto, querem fazer cada qual e separadamente a festa de São Benedito e a disputam através de embaixadas (CAPAI, 2009, p. 184).

² Trata-se de um auto em homenagem aos Santos Reis, unindo a temática dos reisados ao auto do Bumba-Meu-Boi. Apresenta-se em 6 de janeiro, dia de Reis, e se prolonga até 3 de fevereiro, quando ocorre a festa de São Brás (CAPAI, 2009, p. 172).

³ [...] folguedo popular do sul da Bahia e norte do Espírito Santo (município de Conceição da Barra). [...] com participação de 15 a 20 guerreiros de cada lado. O folguedo consiste numa disputa entre cristãos e mouros pela posse da imagem de São Sebastião (CAPAI, 2009, p. 136).

⁴ [...] dança de roda de origem angolana encontrada em várias partes do Espírito Santo. Além de ser uma dança, é, também, um ritual em que originariamente prevalecia a função mágica, com fortes elementos de candomblé, tendo sofrido alterações a partir da incorporação sincrética da louvação a santos católicos. Constitui, ainda hoje, uma das mais ricas heranças da cultura negra presentes no folclore capixaba (CAPAI, 2009, p. 106).

FREITAS, Vinicius da Silva; HONORIO, Camila Alves; PEREIRA, Gleisson Leonardo; AZEVEDO, Manoela Ester Maia de; MOTA, Victória Werneck Franklin; ABREU, José Roberto Gonçalves de. História e perspectiva do forró no norte do Espírito Santo. Rev InCantare, Curitiba, v.19, p. 1-26, dez, 2023. ISSN 2317-417X.

e cultural. Hodiernamente, a vila, que possui aproximadamente 1.500 habitantes, é sustentada principalmente pelo turismo, que ocorre em especial nos feriados, nos meses de alta temporada, de dezembro a fevereiro e em julho, quando é realizado, desde 2001, o tradicional Festival Nacional Forró de Itaúnas.

3.2 CIDADE DE SÃO MATEUS

A cidade de São Mateus configura-se como uma cidade de grande valor histórico por ter sido uma das primeiras cidades colonizadas pelos portugueses. Segundo Quinquim (2019), era uma região onde habitava um grande número de populações indígenas, entre os quais os Botocudos, que tiveram grande papel na resistência contra a colonização.

Uma das características naturais mais importantes da cidade é o rio São Mateus ou Cricaré, que proporcionou à região grande desenvolvimento econômico e conseqüente desenvolvimento social e político, especialmente no período colonial, pela escoação dos produtos agrícolas e comércio escravocrata (QUINQUIM, 2019).

Um fato de interesse sobre o desenvolvimento de São Mateus foi o período de 1764 a 1823, momento em que foi elevada de povoação à categoria de vila e passou a compor a jurisdição da Capitania de Porto Seguro. De acordo com Quinquim (2019, p. 75): “Esse distanciamento, por mais de meio século, afastou a região do contexto da província capixaba e lhe conferiu certa peculiaridade regional, em virtude da incorporação intensificada de aspectos da cultura baiana”.

Com boas relações comerciais estabelecidas pela posição do rio Cricaré em proximidade com o litoral e pelas suas boas condições de navegação, São Mateus desenvolveu-se bastante no período em que esteve sob a jurisdição da Capitania de Porto Seguro, pela expansão da produção e exportação da farinha de mandioca. Após seu retorno para a província do Espírito Santo, foi criada a Comarca de São Mateus em 1835 e ascendeu a município em 1848. O café foi um produto introduzido posteriormente na produção da cidade e passou a ser sua principal mercadoria de

exportação desde 1854, tendo por base para a intensificação de sua produção, a acentuação também do trabalho escravo (QUINQUIM, 2019).

Quanto ao comércio negreiro, era uma atividade existente e bem estabelecida na região, a qual teve início ainda no período colonial, sendo intensificada especialmente após a proibição do tráfico transatlântico no século XIX. Ainda segundo Quinquim (2019), esse tipo de comércio era próspero, havendo até mesmo empresas especializadas nesse tipo de atividade. Menciona a análise documental do Fundo Fazenda (do Arquivo Público do Espírito Santo/APEES) da segunda metade do século XIX sobre a cidade de São Mateus, realizada por Russo (2011), quando foram observadas uma quantidade considerável de “exportação de escravos” e a dimensão dos impostos cobrados sobre esse tipo de transação.

Sobre essas transações do comércio escravocrata, Quinquim (2019, p. 77), ao citar Russo (2011), afirma que “[...] uma região que chega a exportar escravos devia dispor de um razoável número dos mesmos para esse tipo de atividade”. Há algumas deduções sobre o comércio de escravizados na região, como a descrita na frase anterior. Tais especulações não são, no entanto, fruto de um imaginário irracional, mas produções da história oral da região. Outro dado levantado por Russo (2011), citado por Quinquim (2019, p. 77), é que, segundo essa oralidade regional, “existiam fazendas reprodutoras de escravos em São Mateus, citando como exemplo o caso da Fazenda Boa Esperança”.

Após a abolição da escravatura, houve a formação dos quilombos e dessa identidade negra que compunha herança e as particularidades dessa região. É justamente essa identidade regional que posteriormente daria origem ao estilo Itaúnas de dançar forró pé de serra, dado que será analisado no tópico 5. Mas, para que compreendamos melhor essa construção, faz-se necessário primeiro elucidarmos o desenvolvimento da cultura do forró no âmbito nacional.

4 BREVE HISTÓRIA DO FORRÓ PÉ DE SERRA NO BRASIL

Ao abordarmos o forró pé de serra, pretendemos compreender melhor as características regionais dessa cultura, com maior enfoque à sua forma de dança. Para

construirmos essa investigação, no entanto, será necessário abordarmos brevemente a história e origem do forró.

Dias e Dupan (2017, p. 2) apontam que identificar uma origem do forró é uma tarefa complexa, pois envolve uma “miscigenação cultural, musical e étnica”, características da cultura brasileira. Sobre sua definição, compreendem como: “[...] um Gênero Musical composto por um conjunto de ritmos (subgêneros); [...] um dos subgêneros desse conjunto de ritmos; [...] um conjunto de diferentes formas de dança; e, um nome de um tipo de festa” (DIAS e DUPAN, 2017, p. 2). Dentro desse conjunto de ritmos, os subgêneros mais importantes são estes: “Coco, Baião, Xote (ou Chote, ou ainda Xótis), Arrastapé, Xaxado, Samba, Rojão e Forró” (DIAS e DUPAN, 2017, p. 3).

Os mesmos autores falam ainda sobre a etimologia da palavra forró que teria sido originado do termo bantu forrobodó e “significa ‘bagunça’ ou ‘confusão’, circunstâncias frequentes nesses bailes populares do interior nordestino do século 19” (DIAS e DUPAN, 2017, p. 4). Com base nessa afirmação dos autores, podemos localizar também a Região Nordeste como o centro fundador dessa cultura, que se propagou pelo Brasil, principalmente no século XX, mediante os encontros culturais promovidos pelo êxodo rural. Há, porém, um período em que essa manifestação cultural ganhou força e se expandiu vertiginosamente pelo país, por meio

[...] da indústria fonográfica e as projeções midiáticas do pernambucano Luiz Gonzaga, no início da década de 1940, e do paraibano Jackson do Pandeiro, na década de 1950. [...] Divulgaram a música e fomentaram sobretudo os eventos, encontros, bailes e confraternizações, o que potencializou regionalmente, diversas maneiras de dança e se expressar (DIAS E DUPAN, 2017, p. 5).

Depois dessa expansão, o forró passou por períodos de ascensão e descensão. No fim da década de 1990 e início dos anos 2000, em um desses períodos de ascensão, explodiu o forró universitário.

O Forró Tradicional vinha sendo tocado em festas ‘underground’ da cena universitária do sudeste brasileiro, alguns trios e músicos veteranos saíram do ostracismo para tocar nesses encontros, surgindo um ambiente social e artístico propício à dança e à música, permitindo o surgimento de novas bandas, compostas por jovens urbanos, que

misturavam o antigo com as tendências da ocasião, adotando roupagens e temáticas jovens (DIAS e DUPAN, 2017, p. 68).

Ainda segundo os autores, a partir desse período, preservou-se a música com um estilo bem próximo ao original, mas “com uma abordagem mais urbana e contemporânea” (DIAS e DUPAN, 2017, p. 68), mantendo-se a sanfona como instrumento essencial, porém dividindo o palco com outros instrumentos além daqueles formados pelos trios de forró (zabumba e triângulo). A dança, diferente da música, recebeu muitas influências de outras danças de salão e passou por uma série de modificações em sua estrutura básica, inserindo uma série de variações. A dança renovou-se naquele período e continuou modificando-se, sendo justamente essas variações da dança o foco de nossa investigação.

O forró universitário inseriu os movimentos de giro no forró. Num caminho diferente, os nativos de Itaúnas, distrito de Conceição da Barra, localizado no norte do Espírito Santo, tinham uma movimentação na qual as sacadas de pernas eram mais enunciadas, apresentando-se como um estilo único denominado estilo Itaúnas e posteriormente foi transformado no estilo *roots*, mais propagado na Região Sudeste pelo intercâmbio cultural promovido pelos eventos e turismo que passaram a compor a vila de Itaúnas (ALFONSI, 2007).

5 O FORRÓ NO SAPÊ DO NORTE DO ESPÍRITO SANTO

A construção da cultura popular é resultado das tradições e costumes transmitidos de geração em geração e se apresenta por meio de manifestações culturais originadas da interação do homem e sua adaptação ao meio em que vive. E a essas várias histórias que são passadas dá-se o nome de memória, que é mais que uma evocação do passado, como define Chauí (2000) citada por Soares, Nacif e Ricco (2013). A memória pode salvar a própria história humana do esquecimento e trazer à tona toda uma discussão sobre o passado. As memórias podem ser entendidas como patrimônio material e imaterial de uma sociedade (SOARES, NACIF E RICCO, 2013).

Quais são, então, as características dessa dança estilo Itaúnas que a tornam única? Quais são as semelhanças ou diferenças entre o estilo dos nativos de Itaúnas e os moradores de São Mateus e Conceição da Barra (sede) na forma de dançar? Caracterizam uma regionalidade do norte capixaba? A tais perguntas não puderam responder na íntegra por meio dos textos selecionados, pois, na pesquisa, foram encontrados muitos trabalhos sobre o forró no Nordeste. Em relação ao Espírito Santo, entretanto, foram encontrados apenas poucos estudos e somente sobre o forró em Itaúnas. Outro fator de impacto é que, dos trabalhos analisados, poucos detalhes foram encontrados sobre o forró dança nessa região.

Sendo assim, será demonstrado pela literatura consultada, e de forma abrangente, apenas como esse estilo Itaúnas foi sendo desenvolvido e transformado pelo intercâmbio cultural possibilitado pelo turismo na vila, uma análise ainda sem muitas informações técnicas sobre a execução da dança. Não foi possível, portanto, analisarmos o forró dança em Conceição da Barra (sede) e São Mateus, por não ter sido encontrada literatura referente a essas localidades.

No Quadro 2, apresentamos uma classificação dos trabalhos consultados para a construção de todos os tópicos desta Revisão de Literatura Narrativa, apontando os autores, título, ano de publicação, tipo de trabalho, local de consulta, Qualis (em caso de revistas) e indexador.

Quadro 2. Quadro de apresentação dos trabalhos consultados

Anos	Autor(es)	Títulos	Revistas / Repositórios	Qualis	Indexadores	Tipos
2007	ALFONSI, Daniela do Amaral	Para todos os gostos: um estudo sobre classificações, bailes e circuitos de produção do Forró.	Biblioteca Digital USP	-----	Google Acadêmico	Dissertação Mestrado
2009	FERREIRA, Simone Raquel Batista	“Donos do lugar”: a territorialidade quilombola do Sapê no Norte – ES.	Academia	-----	Google Acadêmico	Tese Doutorado
2011	HACON, Vanessa	Para além das dunas: conflitos ambientais relacionados ao Parque Estadual de Itaúnas (ES).	Repositório Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS) - UFRJ	-----	Google Acadêmico	Dissertação Mestrado
2012	CELINGA, Fernanda	Fronteiras entre as dunas: compreendendo a cultura lúdica na Vila de Itaúnas (ES) 2012	Repositório PPGEF / UFES	-----	Google Acadêmico	Dissertação Mestrado
2013	SOARES, Camila Santos Almeida; NACIF, Manuella Fonseca; RICCO, Adriana Sartório	Mitos da memória popular: o soterramento da vila de Itaúnas na visão dos moradores.	Destarte Revista Científica dos cursos Administração, Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Turismo das Faculdades Estácio Núcleo Espírito Santo	B4	Google Acadêmico	Artigo
2016	XAVIER, Maria A. de Sá; BASSETTI, Telma. Bittencourt	Turismo como aporte ao avanço do capital na vila de Itaúnas-ES e a cultura como expressão de resistência.	Geografares Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia UFES	A2	Google Acadêmico	Artigo
2017	COSTA, Maísa Fávero	Paisagem cultural em Itaúnas (ES): o lugar e sua dimensão simbólica.	Repositório PPGAU / UFES	-----	Google Acadêmico	Dissertação Mestrado
2017	DIAS, Ivan. SANDRINHO, Dupan	O que é o Forró: um pequeno apanhado da história do Forró.	Livro físico	-----	Google Acadêmico	Livro
2019	QUINQUIM, Marli	Entre saberes: a brincadeira reis de boi na tessitura de práticas dialogadas em uma experiência visível nos anos iniciais do ensino fundamental.	Repositório PPGEEB / UFES	-----	Google Acadêmico	Dissertação Mestrado
2020	SILVA, Ciranilia Cardoso da	Tradição e modernidade no movimento roots de forró pé de serra.	Repositório Pós-Cultura / UFBA	-----	Google Acadêmico	Tese Doutorado

Fonte: Autoria própria, São Mateus, 2024.

Para analisarmos, então, o forró dançado em Itaúnas, serão examinadas paralelamente as características dessa região e de outras regiões do Sudeste que desenvolveram outras variações da dança, sendo abordadas, portanto, três formas distintas de dança: estilo Itaúnas, forró universitário e forró *roots*.

O forró universitário e o estilo Itaúnas desenvolveram-se aproximadamente no mesmo período, em regiões distintas. O termo universitário foi acrescentado à palavra forró na década de 1990, para referenciar o movimento de festas universitárias realizadas em São Paulo que tinham como atração principal esse ritmo. Nessa mesma época, o turismo em Itaúnas crescia tanto pela sua riqueza natural quanto pelo forró que era dançado na região, que foi atraindo cada vez mais apreciadores desse gênero de música e dança (COSTA, 2017).

Celinga (2012), citada por Costa (2017), informa que o forró acontecia na vila antiga com os bailes de sanfona que eram frequentados pela maioria dos moradores. Após a mudança da vila devido ao soterramento, os bailes deixaram de acontecer por um período, atribuindo a isso o desânimo dos moradores pelo que foi perdido na vila antiga e o processo de reconstrução de sua vida no vilarejo novo.

Ainda segundo a autora, a festa foi reaparecendo aos poucos na vila nova

[...] tendo incentivo a fundação do Bar Varandão por um morador que começou a promover os primeiros bailes na nova Vila de Itaúnas. Na época, vinham sanfoneiros da região e de cidades vizinhas (São Mateus, Sul da Bahia) para tocar nos bares, não havendo cobrança de ingresso. [...] Em 1996, Tatu, um morador da Vila, trouxe o primeiro trio de São Paulo para se apresentar no seu bar, o trio Sabiá (CELINGA, 2012 *apud* COSTA, 2017, p. 109).

Vale, contudo, ressaltarmos que o forró antigo, semelhante ao que acontecia na antiga vila, ainda pode ser visto atualmente como resquícios dessa forma de dançar ao final das apresentações dos grupos culturais, principalmente nas casas dos brincantes das manifestações já citadas anteriormente. Esse dado corrobora o que foi visto sobre a preservação da herança cultural tanto na vila quanto em toda região do Sapê do Norte, como visto neste estudo (CELINGA, 2012 *apud* COSTA, 2017).

Ainda segundo Costa (2017), acompanhando o desenvolvimento turístico da região,

[...] Itaúnas começou a modificar sua infraestrutura para que pudesse receber um grande número de visitantes. As casas de forró, que antigamente eram bares locais e não cobravam bilheteria, passaram a ter uma estrutura com palco, aparelhagem de som e local aberto para comportar o número de dançarinos e visitantes. Para custear essas mudanças, o ingresso passou a ser cobrado. A partir disso, a prática cultural do forró, que até então acontecia de maneira espontânea, passou a ser produto de consumo, tendo o já mencionado FENFIT como o principal deles (COSTA, 2017, p. 109).

Alfonsi (2007) afirma que o forró universitário é uma variação de dançar forró originada da inserção dos passos de dança de salão ao jeito tradicional de dançar, conhecido como a base dois pra lá, dois pra cá. Ainda acrescenta que “[...] essa maneira de dançar formou-se da mistura dos bailes paulistanos com os de Itaúnas” (ALFONSI, 2007, p. 116). Observando o recorte temporal que os autores mencionados até o momento referenciam sobre o desenvolvimento turístico de Itaúnas e do forró, tanto nessa vila quanto em toda a Região Sudeste, é possível colaborar com Alfonsi.

Celंगा também traz referência sobre esse hibridismo na variação de dança promovido entre visitantes e nativos de Itaúnas:

Apesar dessas interferências político-ambientais e das mudanças ocorridas no passar dos anos, o jeito característico de dançar forró com os corpos colados, em que o tronco acompanha os movimentos do quadril, tendo a base no ‘dois pra lá, dois pra cá’, permaneceu o mesmo. Na Vila de Itaúnas esse jeito de dançar forró colado se alterna com giros, voltas e rodópios, ganhando expressividade por ser próprio do local, possivelmente sendo um resultado híbrido dos diferentes modos de dançar dos frequentadores e dos moradores da vila (CELINGA, 2012, p. 85).

Apesar da concordância com ambas as autoras sobre os vestígios desse hibridismo, é preciso fazermos uma ressalva sobre a base dois pra lá, dois pra cá. Quanto à primeira forma de dançar forró que se perpetua nos forrós eletrônicos, essa base é para as laterais, dois passos para a direita, dois passos para a esquerda. O forró conhecido como universitário, estilo Itaúnas e *roots* preservaram essa ideia e utilizam,

em alguns momentos, a lateralidades, porém sua referência maior passa a ser anteroposterior, configurando dois passos para a frente e dois passos para trás⁵.

É preciso fazer uma diferenciação aqui do que seria o forró eletrônico e o forró pé de serra no contexto da música e da dança, pois alguns termos usados pelos detentores dessas duas vertentes podem ser dissonantes⁶. Alfonsi (2007) relata que no forró universitário, no que se refere à música

[...] é quase que exclusivamente o som e o ritmo emitidos por meio da combinação instrumental da sanfona, da zabumba e do triângulo. Todos os outros elementos da *performance* (a voz, o figurino, os gestos) visam à não sobreposição a esse som, que deve buscar ser 'puro', 'autêntico', tal como sua 'raiz'. Já uma banda de forró eletrônico define o que é forró de uma forma ampla e variada: '*tudo é forró, pois forró é festa, é alegria*'. Assim, a exuberância da *performance* deve acompanhar todos os elementos: dos figurinos ao cenário, da voz aos instrumentos, do gestual à escolha do repertório (ALFONSI, 2007, p. 123).

Podemos considerar que, apesar de ambos os estilos utilizarem atualmente outros instrumentos além da zabumba, triângulo e sanfona, no caso do estilo eletrônico há maior quantidade de instrumentos sem o devido destaque para o trio de instrumentos que caracteriza o forró pé de serra. No que se refere à forma de dançar, o forró eletrônico é mais conhecido como forrozão ou forró tradicional, pois era assim que se dançava nos primeiros bailes de forró, apenas o "dois pra lá, dois pra cá". Já no forró pé de serra, que também pode ser conhecido como forró universitário, o trio de instrumentos mencionado tem maior evidência, tentando manter-se mais próximo ao estilo musical de raiz e tomando como base personagens do forró mais antigos como Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro, que puderam deixar registros desse fazer cultural. Quanto à forma de dançar, ela passou por muitas transformações, adaptando o tradicional "dois pra lá, dois pra cá" a uma base frente e trás, abertura/base dois, giros e movimentações de pernas, esta última hoje conhecida como forró *roots*. São muitas as

⁵ Essa informação não foi encontrada nos textos consultados; baseia-se na observação dos bailes e aprendizados em aulas de dança nos projetos de forró da cidade de São Mateus: Elo Capixaba e IForró.

⁶ As considerações realizadas nesse parágrafo e nos seguintes partiram de informações de textos referenciados, mas também da observação mediante a experiência dos autores nos bailes de São Mateus e Itaúnas, assim como nas aulas dos projetos da cidade de São Mateus: Elo Capixaba e IForró.

variações na dança que têm ocorrido desde o início do século XXI e elas ainda estão em constante transformação (ALFONSI, 2007).

É interessante observarmos, ainda, que, quando se trata da música, o forró pé de serra é considerado o tradicional, por se aproximar mais do trio de instrumentos composto pela zabumba, sanfona e triângulo. Podemos observar essa distinção também em Alfonsi (2007, p. 126), quando afirma: “Para o eletrônico, popular é o que atrai grande número de pessoas, é o “do povo”; para o universitário, o termo relaciona-se ao que é folclórico, “raiz” da “cultura brasileira”.

Sobre a forma de dançar específica do Sapê do Norte, tomamos como base as considerações de Silva (2020). Apesar de o forró universitário apreciar o aspecto mais tradicional da música, no que se refere à dança, dois novos estilos de dançar surgem nesse cenário contemporâneo, tendo a vila de Itaúnas como precursora de uma dessas formas. A autora faz referência às falas de dois nativos da vila, Josemara Guimarães e Amaral Alves, no I Fórum de Forró de Raiz do Espírito Santo, em que podemos encontrar algumas características sobre a movimentação da dança do estilo Itaúnas.

Quando os/as nativos/as passaram a frequentar o forró com a presença dos turistas, no Bar Forró, ao longo do tempo agregaram alguns passos semelhantes aos dos/as turistas e também ensinaram os seus passos. Porém, em sua dança continuaram prevalecendo memórias corporais intuitivas, possivelmente herdadas do forró de sapezeiro e ticumbi, atribuindo à dança uma predominância de variações de pernas, especificidade do ‘estilo Itaúnas’, inventado ou recriado pelos nativos através da experiência prática (SILVA, 2020, p. 116).

Silva (2020) menciona que, em um primeiro momento, essa troca entre nativos e turistas passou a se intensificar e os nativos tinham o devido reconhecimento da criação desse estilo. Com o passar do tempo, alguns nativos se tornaram professores reconhecidos nacional e internacionalmente, agregando sua identidade à sua dança, mas mantendo um padrão de movimento que caracteriza o estilo Itaúnas.

No entanto, ao longo dos anos, outros professores e professoras não nativos também se basearam nesses movimentos, sem, contudo, manter as características básicas da movimentação dos nativos, mesmo assim utilizando o termo *roots*.

Alguns dos/as forrozeiros e forrozeiras, principalmente nativos e nativas, são contra a utilização do termo 'estilo Itaúnas' e até mesmo 'estilo roots' por pessoas que desconhecem, desconsideram e negligenciam o protagonismo de nativos e nativas de Itaúnas em relação a esse estilo próprio de dançar o forró pé de serra, gerando desvalorização e falta de reconhecimento (SILVA, 2020, p. 116-117).

Silva (2020) traz ainda duas considerações sobre os estilos Itaúnas e *roots* que auxiliam na compreensão da diferenciação entre ambos. Sobre o primeiro, traz novamente uma fala de Amaral Alves, nativo de Itaúnas:

[...] nativos e nativas não se esbarravam tanto com as pessoas no salão, sempre foram mais cautelosos/as para dançar forró sem se chocar com outros/as dançantes, e dessa preocupação teria surgido o passo de caminhada e as paradas abruptas dentro do ritmo da música, como passo de dança, que mais tarde denominaram de *breaks*, equivalente ao *breque do samba de breque*. Do precursor 'estilo Itaúnas' para o chamado 'estilo roots' de dançar, ao longo dos anos houve mudanças que não se restringiram apenas à nomenclatura, pois muitas pessoas aprenderam o estilo indiretamente, sem terem visto exatamente nativos e nativas dançarem, que por sua vez não se reconhecem inteiramente no *roots* que está sendo propagado atualmente, afirmando que acrescentaram muitos 'malabarismos' que os difere do pioneiro estilo Itaúnas (SILVA, 2020, p. 117).

No trecho acima, podemos perceber que, conforme o estilo Itaúnas foi sendo aprendido por pessoas de outras regiões, ele foi se modificando substancialmente, o que se distingue de maneira abrupta do estilo que o originou. Essa percepção fica ainda mais evidente na fala de Alexandre Mori, forrozeiro, pesquisador e produtor, entrevistado por Silva (2020).

[...] a dança no estilo *roots* começou a aparecer no *Rootstock*, que inicialmente era frequentado por forrozeiros e forrozeiras que tinham o costume de ir ao forró de Itaúnas. Estes, por sua vez, aprendiam o jeito de dançar com os nativos e espontaneamente misturavam a dança ao estilo universitário que praticavam antes. Tais forrozeiros e forrozeiras estiveram presentes em outros eventos que passaram a acontecer no momento de formação do circuito⁷, de modo que o nome do estilo de dança ficou conhecido como *roots* (a dança que estava se tornando moda nos eventos *roots – rave*) (SILVA, 2020, p. 117).

⁷ Circuito de festivais de forró que acontecem ao longo do ano em todo o Brasil. O *Rootstock* acontece em Belo Horizonte no mês de novembro e é um dos maiores festivais do circuito.

Diante do que foi exposto, é importante destacarmos as diferenciações entre as nomenclaturas para música e dança. Quando nomeamos forró pé de serra, referimo-nos à música mais ligada à raiz, à origem dessa cultura. Quando falamos forró universitário ou estilo Itaúnas ou estilo *roots*, fazemos alusão a três variações de dançar o forró pé de serra.

O estilo Itaúnas é, portanto, um estilo de dançar forró do Sapê do Norte, desenvolvido pelos nativos da vila de mesmo nome. Devido a algumas de suas características, é dançado em duplas com os corpos mais aproximados, com menos utilização de giros, mais movimentos de pernas (sacadas, caminhadas e breques), respeitando melhor o espaço disponível no salão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois da Revisão de Literatura Narrativa, foi possível identificarmos um número pequeno de trabalhos acadêmicos sobre a origem e características do forró no estado do Espírito Santo, e os poucos existentes são mais voltados para a região de Itaúnas. Nesse sentido, o primeiro dado levantado é a necessidade de mais pesquisas na área por meio da oralidade dos brincantes e mestres do forró pé de serra na região.

Foi possível identificarmos, ainda, que o forró como dança tem evoluído bastante e um dos estilos mais dançados no Sudeste, o forró *roots*, teve origem em Itaúnas, a partir da forma única de dançar dos nativos da região. Tal forma foi sendo levada para outros estados do Sudeste e aperfeiçoada para o ensino nas escolas de dança de salão ou específicas de forró. É preciso, então, tornarmos essa história conhecida pela escrita e propagada para os moradores do norte do estado desde a educação básica, a fim de valorizar e preservar a cultura e identidade regional.

Não foi possível encontrarmos na literatura consultada mais informações sobre o Forró de Sapezeiro, termo ouvido em diversas reuniões do Fórum Estadual e Nacional Forró de Raiz, como também não foi exequível encontrarmos informações sobre o forró em Conceição da Barra (sede) ou na cidade de São Mateus, vizinha à vila de Itaúnas. Nas

FREITAS, Vinicius da Silva; HONORIO, Camila Alves; PEREIRA, Gleisson Leonardo; AZEVEDO, Manoela Ester Maia de; MOTA, Victória Werneck Franklin; ABREU, José Roberto Gonçalves de. História e perspectiva do forró no norte do Espírito Santo. Rev InCantare, Curitiba, v.19, p. 1-26, dez, 2023. ISSN 2317-417X.

reuniões do fórum já citado, foram ouvidas informações sobre um período áureo do forró em São Mateus.

Os forrozeiros da cidade que compõem o fórum mencionaram que havia forró com frequência na cidade, os forrozeiros locais também iam com frequência a Itaúnas e um dos sanfoneiros mais antigos da cidade foi o primeiro sanfoneiro a tocar no forró pé de serra de vila nova. Na literatura consultada, não encontramos referências sobre essas informações que serão averiguadas melhor na etapa de pesquisa de campo, com entrevistas a forrozeiros de São Mateus e Itaúnas.

REFERÊNCIAS

ALFONSI, Daniela do Amaral. **Para todos os gostos**: um estudo sobre classificações, bailes e circuitos de produção do Forró. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-08072008-141736/pt-br.php> . Acesso em: 25 abr. 2023.

CAPAI, Humberto. **Atlas do Folclore Capixaba**. Espírito Santo, SEBRAE, 2009. 206 – p.: il.

CELINGA, Fernanda. **Fronteiras entre as dunas**: compreendendo a cultura lúdica na Vila de Itaúnas (ES). Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos. 2012. 172 f.: il. Disponível em: https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/7226/1/tese_5928_FERNANDA%20CELINGA%20-%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20FINAL%20COMPLETA%20UFES.pdf. Acesso em: 25 abr. 2023.

COSTA, Maísa Fávero. **Paisagem cultural em Itaúnas (ES)**: o lugar e sua dimensão simbólica. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes. 2017. 166 f.: il. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/10056>. Acesso em 25 abr. 2023.

DIAS, Ivan. SANDRINHO, Dupan. **O que é o Forró**: um pequeno apanhado da história do Forró. Campina Grande: LATUS, 3. ed., 2017. 30 p.

FERREIRA, Simone Raquel Batista. **“Donos do lugar”**: a territorialidade quilombola do Sapê no Norte – ES. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói: [s.n.], 2009. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=177001. Acesso em: 24 nov. 2023.

FREITAS, Vinicius da Silva; HONORIO, Camila Alves; PEREIRA, Gleisson Leonardo; AZEVEDO, Manoela Ester Maia de; MOTA, Victória Werneck Franklin; ABREU, José Roberto Gonçalves de. História e perspectiva do forró no norte do Espírito Santo. Rev InCantare, Curitiba, v.19, p. 1-26, dez, 2023. ISSN 2317-417X.

HACON, Vanessa. **Para além das dunas:** conflitos ambientais relacionados ao Parque Estadual de Itaúnas (ES). Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2011. 230f. Disponível em: http://pos.eicos.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/2011_MEST_Vanessa_Hacon.pdf. Acesso em: 28 nov. 2023.

QUINQUIM, Marli. **Entre saberes:** a brincadeira reis de boi na tessitura de práticas dialogadas em uma experiência visível nos anos iniciais do ensino fundamental. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo. 2019. 178 f.: il. Disponível em: <https://ensinonaeducacaobasica.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGEEB/detalhes-da-tese?id=13068>. Acesso em: 28 nov. 2023.

SILVA, Ciranilia Cardoso da. **Tradição e modernidade no movimento roots de forró pé de serra.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. 2020. 274 f.: il. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/42122>. Acesso em: 24 nov. 2023.

SOARES, Camila Santos Almeida; NACIF, Manuella Fonseca; RICCO, Adriana Sartório. Mitos da memória popular: o soterramento da vila de Itaúnas na visão dos moradores. **DESTARTE**, Vitória, v. 3, n. 2, p. 43-65, 2013. Disponível em: <http://revistas.es.estacio.br/index.php/destarte>. Acesso em: 25 abr. 2023.

XAVIER, Maria A. de Sá; BASSETTI, Telma. Bittencourt. Turismo como aporte ao avanço do capital na vila de Itaúnas-ES e a cultura como expressão de resistência. **Geografares**, [S. l.], n. 18, p. 57-71, 2016. DOI: 10.7147/GEO18.8125. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/8125>. Acesso em: 28 nov. 2023.

Sobre os autores:

Vinicius da Silva Freitas é Doutorando em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2920-3998>

Camila Alves Honorio é Mestra em Ensino na Educação Básica - Universidade Federal do Espírito (CEUNES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8015-6624>

Gleisson Leonardo Pereira é Bacharel em Engenharia de Produção - Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC). ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9071-4487>

Manoela Ester Maia de Azevedo é Técnica em mecânica integrado com o ensino médio - Instituição Federal do Espírito Santo Campus São Mateus. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9569-3089>

FREITAS, Vinicius da Silva; HONORIO, Camila Alves; PEREIRA, Gleisson Leonardo; AZEVEDO, Manoela Ester Maia de; MOTA, Victória Werneck Franklin; ABREU, José Roberto Gonçalves de. História e perspectiva do forró no norte do Espírito Santo. Rev InCantare, Curitiba, v.19, p. 1-26, dez, 2023. ISSN 2317-417X.

Victória Werneck Franklin Mota é Bacharela em Arquitetura e Urbanismo - Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC). ORCID:<https://orcid.org/0009-0004-2401-341X>

José Roberto Gonçalves de Abreu é Doutor em Educação Física - Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6098-9856>